

## **Cuspe: a metáfora que vem de dentro e o processo de significação nas redes sociais<sup>1</sup>**

Jorge Antônio M. ABRÃO<sup>2</sup>

Anderson Vinicius ROMANINI<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

Partindo da ideia de ciberespaço como lugar de interação social, este trabalho propõe uma reflexão sobre os processos de produção de sentidos presente nas redes sociais. Com este intuito, buscou-se, a partir de uma abordagem inter ou multidisciplinar, entender o papel das metáforas na construção de significados e como estes podem ser manipulados em um processo interpretativo. Para isso, o artigo analisa como um mesmo evento, o cuspe durante a votação da aceitabilidade do processo de Impeachment, é (res)significado nas redes sociais de Jean Wyllys, Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro.

### **Palavras-chave:**

Semiótica; metáfora; redes sociais, interação simbólica

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Semióticas da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: j.abrao@gmail.com

<sup>3</sup> Docente no Programa de Pós-Graduação Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paul. E-mail: viniroma@gmail.com

## **0.Introdução**

A discussão torno do debate político na sociedade não é novo, porém com o advento e a propagação de novas tecnologias de comunicação, sobretudo a Internet, novas possibilidades surgem, fazendo com que esse processo ganhe novos contornos. Este trabalho parte da necessidade de se pensar em como ocorre a discussão política na sociedade da informação, considerando a questão: como se dá o processo de construção de sentidos nas redes sociais no ciberespaço? Para tentar responder a essa pergunta, utilizar-se-á, aqui, o conceito de interação social advindo do Interacionismo Simbólico e o de metáfora presente na Linguística Cognitiva e na Semiótica, pois entende-se que é tal a variedade e a multiplicidade de fatores no objeto, que seu estudo deve buscar uma base inter ou multidisciplinar.

Entende-se, aqui, o Interacionismo Simbólico como um conjunto teórico adequado para o estudo das relações na internet, posto que essa teoria parte do pressuposto que uma comunidade é formada por indivíduos que agem conforme os significados construídos na interação social e dados aos atos, fatos e coisas. Assim para entender melhor como estes significados são construídos, busca-se o conceito de metáfora na Semiótica e na Linguística Cognitiva. Assim, este trabalho divide-se em três partes: primeiramente, será abordado o ciberespaço como comunidade e local de interação simbólica; em seguida será feita uma breve revisão teórica sobre a Metáfora, em que se buscará aproximar os conceitos dos campos acima mencionados e, por fim, apresenta-se uma breve reflexão analítica a partir das teorias expostas.

## **1.Ciberespaço e Interação**

Com a emergência da Internet e sua popularização, constituiu-se o ciberespaço, entendido aqui segundo Lévy (1999), como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Desse modo, temos uma nova forma de comunicação complexa, descentralizada e sem intermediação, em que “quase todo mundo pode publicar um texto sem passar por uma editora nem pela redação de um jornal” (LÉVY, 1998), onde se permite que se busque a informação desejada sem depender das mídias tradicionais, como a TV, o jornal e o rádio. Assim, já é possível afirmar que a Internet e o ciberespaço constituem locais importantes de construção e circulação de sentidos.

O ciberespaço tem sido um lugar em que surgem novas formas de sociabilidade e de

interação entre os indivíduos da sociedade, criando laços entre as pessoas e, conseqüentemente, uma comunidade, agora virtual e organizada em forma de redes sociais virtuais. Para Castells (2003, p. 48), essas redes se caracterizam por sua formação autônoma, onde qualquer indivíduo pode encontrar sua destinação e por permitir uma comunicação livre, horizontal que “sintetiza a prática da livre expressão global, em uma era de conglomerados de mídias e burocracias governamentais censoras”.

Segundo o autor, a Internet se tornou essencial para a comunicação e organização das sociedades contemporâneas, sendo óbvio que o processo político e os movimentos sociais a utilizem (idem). Atualmente, tanto para políticos, quanto para eleitores as redes sociais são um canal de comunicação, direto, horizontal, com pouco controle e acessível economicamente, promovendo, desse modo, uma nova perspectiva nas relações sociopolíticas. Além disso, as redes sociais permitem uma intensificação de interconexões entre os atores na sociedade, o que contribui para sua melhoria, pois como ressalta Lévy (1998, p. 41) “quanto mais um regime político, uma cultura, uma forma econômica ou um estilo de organização tem afinidades com a intensificação das interconexões, melhor ele sobreviverá e resplandecerá no ambiente contemporâneo”. Contudo, é importante destacar, as redes sociais configuram um terreno disputado, pois é um espaço privilegiado, como afirma Castells (2003, p. 114), “para atuar, informar, recrutar organizar, dominar e contra dominar”.

Movimentos de ordem político-social, como a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street, utilizaram, principalmente, as redes sociais para organizar e elaborar formas de engajamento popular. E da mesma forma, as manifestações populares ocorridas em junho de 2013, no Brasil, se fortaleceram e conseguiram aglutinar multidões em torno de sua causa. Após essas manifestações, governos municipais, estaduais e federal se viram obrigados a responder, de alguma forma, às exigências dos manifestantes. Exigências essas, discutidas e materializadas no ciberespaço, mostrando como as redes sociais podem ser um espaço de discussão e mobilização política devido sua facilidade de uso e sua agilidade na troca de informações.

Para Meyrowitz (1985, p. 5), “o contato social não ganha significado apenas pela presença física e pelo lugar físico para interação, mas ganha significado a partir da mídia que utiliza”, assim, e a partir da concepção de que as redes sociais constituem novas comunidades em que indivíduos agem, interagem e se comunicam mediados pelo computador, surge o interesse pelo Interacionismo Simbólico, pois para esta perspectiva

teórica as comunidades são formadas por indivíduos ativos orientados pela interpretação dos significados dados aos objetos, isto é, “tudo que é possível de ser indicado, evidenciado ou referido” (BLUMER, 1980, p. 127) . Tais significados são construídos na interação social a partir da comunicação e, assim, são um elemento-chave para entender os processos de interação.

O autor destaca a comunicação como instrumento de criação da realidade através de um processo dinâmico e interativo, assim, não se pode estudar ou entender as associações humanas fora do contexto comunicativo. Blumer aponta três premissas básicas do Interacionismo Simbólico:

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que este lhes oferece. [...] A segunda premissa consiste no fato de que os significados de tais elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que mantem com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificados) utilizados pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato. (BLUMER, 1980, p 119)

Ou seja, indivíduos agem diante de situações e de outras pessoas de diferentes formas devido ao significado dado a essas coisas e pessoas; esse significado é construído a partir das interações sociais e pode se manter ou ser alterado mediante um processo interpretativo próprio ao indivíduo.

Blumer busca em Mead o conceito de interação social, no qual identifica duas formas de interação social: a não-simbólica e a simbólica. “A interação não-simbólica ocorre quando se reage diretamente a ação de outra pessoa sem interpreta-la; a interação simbólica refere-se à interpretação do ato” (BLUMER, 1980, p. 125). A interação simbólica é a interação em que um processo social é percebido e redefinido, não pela ação direta do indivíduo, e sim pela interpretação desses a partir do significado atribuídos a eles.

Com o objetivo de entender melhor como os significados dados pelos indivíduos são construídos na interação online, buscar-se-á aproximar os conceitos de “metáfora” encontrados na Linguística Cognitiva e na Semiótica. Desse modo, não será considerado apenas a metáfora como um ornamento do discurso, de efeito retórico e literário, mas como uma manifestação da maneira como entendemos e significamos o mundo.

## 2. Metáforas

Adota-se aqui, assim, tanto a posição da teoria cognitiva de Lakoff e Johnson (2002, p. 47) em que a “essência da metáfora é compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”, como a visão peirceana de metáfora como operação de transferência de predicados entre símbolos cujo resultante aponta para o crescimento semiótico, isto é, para a emergência de novos signos (REIS, 2006).

### 2.1 Ícone, Hipoícone e Metáfora

O signo, para Peirce, é algo que representa do objeto produzindo interpretantes. A partir da relação que o signo tem com seu objeto e possível classifica-lo em três diferentes tipos. O ícone representa o objeto por uma relação de semelhança, já o índice apresenta uma relação material entre signo e o objeto, enquanto o símbolo constitui-se por um hábito, lei ou convenção.

Para Peirce, o ícone não pode existir, exceto como possibilidade, porém um signo pode ser icônico e representar seu Objeto pela semelhança. Desse modo o autor distingue Ícone Puro de Signo Icônico ou Hipoícone (REIS, 2006). Ícone puro é sempre uma expressão de qualidade de semelhança, despida de informação factual, positiva, enquanto a concretização dessa possibilidade em um existente é que nos dá um signo icônico, que se define assim em razão da predominância do efeito iconizante proporcionado pelo ícone puro. Dessa forma, os hipoícones podem ser classificados pelo modo da relação de semelhança que o signo tem com seu objeto:

Hipoícones podem ser grosseiramente divididos de acordo com o tipo de Primeiridade da qual participam. Aqueles que participam de simples qualidades, ou Primeiras Primeiridades, são imagens; aqueles que representam as relações, principalmente diádicas, ou assim consideradas, das partes de uma coisa por relações análogas em suas próprias partes, são diagramas; aqueles que representam o caráter representativo de um *representamen* pela representação de um paralelismo em outra coisa, são metáforas. (CP 2.277, EP2: 274)

Desse modo, a Imagem se fundamenta na captura de qualidades simples do objeto, por meio de qualisignos sensoriais – sons, formas, odores, cores, texturas, volumes, movimentos, etc. – que sustentam a semelhança sensorial entre o hipoícone e seu objeto. Já o Diagrama é um esquema conceitual que expressa relações abstratas internas do signo, também presentes no objeto, assim, a qualidade representativa do diagrama baseia-se em uma relação de semelhança estrutural entre o signo e seu objeto.

A metáfora, iconiza um signo e produz um efeito de paralelismo e de semelhança com outro signo (HALEY, 1988, p. 37), portanto sua qualidade representativa está na

relação de semelhança estabelecida entre o caráter representativo de um signo como outro. Esse paralelismo promove uma operação de projeção de propriedades de um conceito sobre outro, atribuindo algumas características próprias do primeiro ao segundo conceito, permitindo as metáforas realizarem inferências abduativas. Desse modo, para Romanini (2009), a metáfora tem um papel importante na percepção, pois permite a síntese da multiplicidade de estímulos perceptivos em uma ideia, dando ao indivíduo acesso a informação na forma de uma conotação.

## 2.2 Metáfora Conceitual

Baseando-se nessa noção peirceana de metáfora, como um mecanismo responsável pelo crescimento semiótico devido a projeção de predicados, é possível aproximar a teoria semiótica a teoria da metáfora conceitual.

Com a publicação da obra *Metáforas da Vida Cotidiana*, de George Lakoff e Mark Johnson, marca-se o início da Teoria da Metáfora Conceitual. Os autores afastam-se dos conceitos tradicionais de metáfora - como figura de linguagem - e a apontam como parte indispensável do pensamento e comportamento humano.

Para os autores, os conceitos são definidos com base na percepção humana das interações dos indivíduos com o ambiente, objetos e outros indivíduos e não em termos de suas propriedades intrínsecas. Passa-se, então, a pensar na metáfora como metáfora conceitual ou conceito metafórico, que estrutura o pensamento e ação, permitindo compreender um domínio conceitual não estruturado ao recorrer a um outro domínio já conhecido, assim, nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não se pensa, mas também se age, é fundamentalmente metafórico por natureza. Essas estruturas cognitivas podem ser evidenciadas pela linguagem, pois a metáfora linguística só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano

Para Lakoff e Johnson, a metáfora é uma intervenção cognitiva fundamental formada por dois domínios de conhecimento: o primeiro, domínio-fonte, abrange o conhecimento já existente e o segundo, domínio-alvo, está voltado ao que se quer compreender. Por exemplo, o AMOR É UMA VIAGEM é uma metáfora conceitual que apresenta o amor e nos permite compreender o amor como uma viagem, ou seja, parte-se do domínio-fonte, que seria o conhecimento adquirido, viagem, e volta-se para o domínio-alvo, o amor. Estes domínios são resultados de metáforas conceituais. Pode-se ver como a metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM emerge na linguagem, nas seguintes expressões:

Veja a que ponto nós chegamos.

Agora não podemos voltar atrás.

Nós estamos numa encruzilhada.

Nossa relação não vai chegar a lugar nenhum.

Lakoff e Johnson diferenciam três tipos de metáforas, que são responsáveis pela nossa estruturação da experiência:

1. metáforas estruturais: quando um conceito é estruturado metaforicamente por outro conceito.

2. metáforas orientacionais: quando é dado a um conceito não espacial uma orientação espacial.

3. metáforas ontológicas: quando um conceito não físico é entendido a partir de um algo físico.

Dessa maneira, metáforas mais complexas têm raízes em metáforas mais profundas e o conceito da realidade pode ser entendido como acumulação e representação de conceitos metafóricos que, por sua vez, são compostos de camadas e estratos de vários outros conceitos metafóricos, que representam metáforas básicas.

Com base no exposto acima, acredita-se que a partir da identificação e análise dos conceitos metafóricos materializados em redes sociais é possível entender melhor o processo de construção social de significados. Esse entendimento é necessário para uma melhor compreensão da internet, vista como um local de interação simbólica, e do debate político online. Desse modo, pretende-se examinar as postagens de deputados federais conhecidos por opiniões contrárias a respeito de um mesmo acontecimento. Os deputados Jean Wyllys e Jair Bolsonaro, além de apresentarem pontos de vista contrários e polêmicos, possuem seguidores que se enfrentam nas redes sociais, apresentando certo maniqueísmo, portanto, essas discussões mostram-se fundamentais na atualidade, merecendo uma análise aprofundada.

### **3. Breve análise**

Em 17 de abril, durante a sessão da Câmara de Deputados em que foi autorizada a instauração do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, um dos episódios que mais chamou atenção foi o incidente ocorrido entre três deputados federais: após terminar de anunciar o seu voto no plenário da Câmara, Jean Wyllys (PSOL-RJ) cuspiu na direção de Jair Bolsonaro (PSC-RJ), em resposta, o deputado Eduardo Bolsonaro, também

cospe em Wyllys. Os envolvidos se pronunciaram em suas páginas na rede social Facebook sobre esse fato que também teve grande repercussão tanto nos meios tradicionais como jornais e revistas, como nas redes sociais. É a partir das postagens em que os deputados colocam sua posição sobre o acontecimento que se inicia esse esforço analítico.

Jean Wyllys e Jair Bolsonaro, mesmo não sendo de partidos considerados grandes, somam, juntos, cerca cinco milhões de seguidores em suas redes sociais<sup>4</sup>, sendo esse número maior que o dos principais candidatos à presidência da república nas eleições de 2014. É possível elencar algumas razões para a popularidade dos parlamentares e o interesse dessa pesquisa: i) participação ativa e constante nas redes sociais e ii) plataformas claras de atuação, representando polos extremos e opostos no cenário político atual. Acredita-se que, apesar da inegável divergência política entre Wyllys e Jair Bolsonaro, ambos apresentam formas similares de se comunicar com seus eleitores nas redes sociais. Desse modo, a análise do debate nas redes desses parlamentares, suas diferenças e similaridades, pode trazer pistas valiosas sobre os processos de significação na interação simbólica on-line.

Com o intuito de melhor entender esses processos, foram selecionados os posts na rede social Facebook dos deputados envolvidos que abordaram diretamente o incidente e os cinco comentários principais de cada postagem, de acordo com o próprio site, isto é, os comentários com o maior número de “curtidas” e respostas<sup>5</sup>. Também foram incluídos posts do deputado Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, pois além de participar do fato, teve suas publicações comentadas pelo deputado Jean Wyllys. Deu-se preferência aos comentários tidos como principais devido ao alto número de respostas aos posts, mais de 180 mil contabilizando todos os posts. Além disso, é possível dizer que esses comentários tem a aprovação dos demais seguidores pois apresentam um número elevado de curtidas quando comparado aos outros.

Adota-se, aqui, os mesmos procedimentos analíticos utilizados pela teoria da metáfora conceitual: observa-se um conjunto de expressões linguísticas em busca de alguma sistematização; em seguida, identifica-se a metáfora conceitual subjacente a essa sistematização; e, por último, utiliza-se mais expressões linguísticas para confirmar a existência da metáfora (LIMA, GIBBS e FRANÇOZO, 2001). Para representar o mapeamento das metáforas conceituais, Lakoff e Johnson (2002) propõem as formas DOMINIO-ALVO E DOMINIO-FONTE ou DOMINIO-ALVO COMO DOMINIO-

<sup>4</sup> Considera-se, aqui, as redes sociais Facebook, Twitter e Instagram no dia 15/06/2016

<sup>5</sup> O acesso à rede social e extração do corpus foram realizados no dia 15/06/2016.

FONTE, onde as DOMINIO-ALVO é o que se pretende entender e o DOMINIO-FONTE o que já se compreende.

Com o intuito de compreender melhor como o ocorrido é significado e ressignificado na intereção online foram selecionados os seguintes trechos das postagens dos três parlamentares envolvidos, buscando-se indentificar possíveis metáforas.

Figura 1

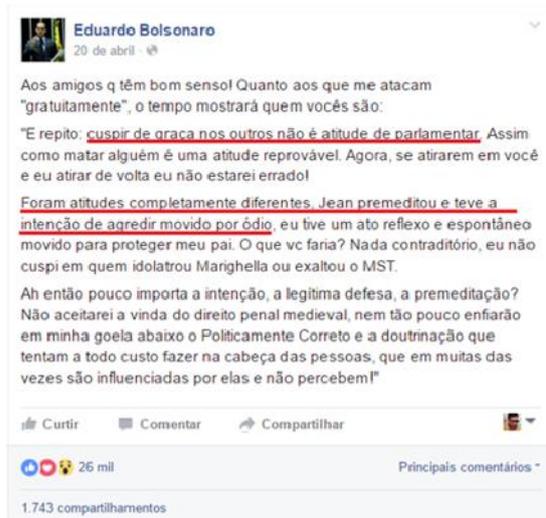
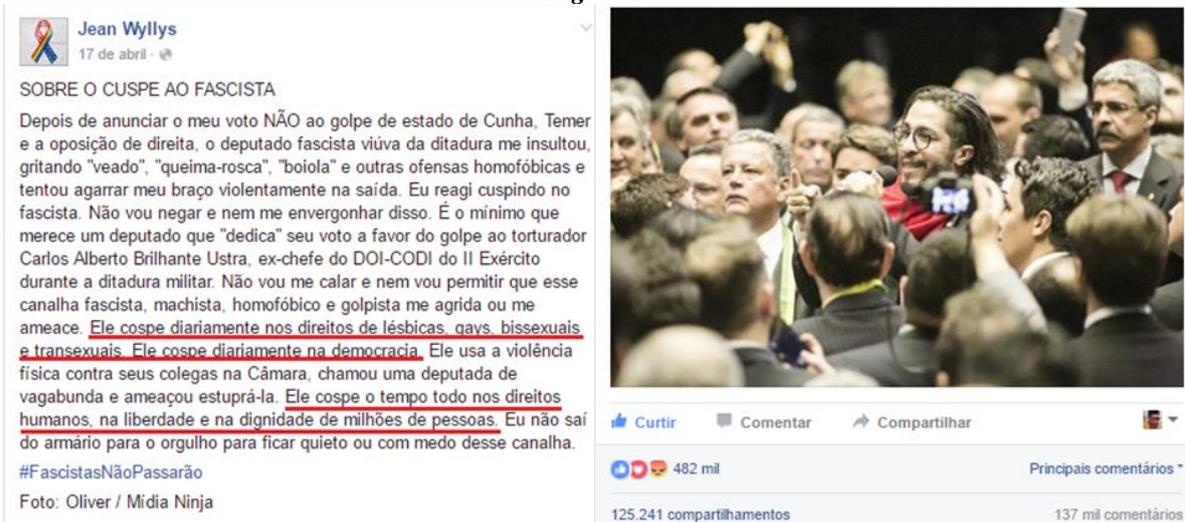


Figura 2



Figura 1



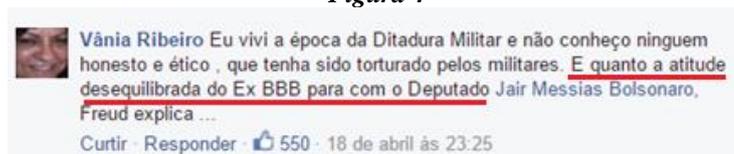
Com base nos exemplos acima pode-se observar que o ato de cuspir é tido como um ataque, em quem o agressor cuspe e o alvo é a vítima, de modo que é possível identificar a metáfora CUSPE É ATAQUE presente nos discursos dos três parlamentares. CUSPE É ATAQUE é utilizada de tanto por Jair quanto por Eduardo Bolsonaro, ao se referirem ao cuspe de Wyllys, como destacado nas Figuras 1 e 2. Na postagem representada na FIGURA

2, Jair Bolsonaro, em entrevista afirma “Ele resolveu mirar em mim e dar uma cusparada” e “Ele disse que quantas vezes for necessária, ele vai cuspir em mim”, nesses trechos, percebe-se novamente o mapeamento CUSPIR É ATAQUE na fala do deputado, já que no primeiro trecho pode-se pensar que quem mira planeja um ataque e o segundo trecho é tido como ameaça de agressão.

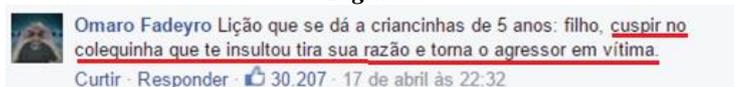
Já na Figura 3, postagem de Wyllys, a metáfora CUSPE É ATAQUE é expressa ao falar sobre as atitudes e discursos de Jair Bolsonaro a respeito dos direitos da comunidade LGBT, nos quais este se posiciona contra. Aqui nota-se o uso mais figurado da metáfora conceitual do que no exemplo anteriores, mais literais e diretos.

Essa metáfora também é exteriorizada nos comentários nas postagens de Jean Wyllys e Eduardo Bolsonaro corroborando os sentidos atribuídos pelos deputados. Na Figura 4 a ação de cuspir é vista como uma atitude desequilibrada, enquanto na Figura 5 temos a metáfora CUSPE É ATAQUE explicitada no trecho *tira sua razão e torna o agressor em vítima*.

**Figura 4**



**Figura 5**



Também é possível trazer outros exemplos que reforçam a tese de CUSPE É ATAQUE como metáfora conceitual ao se olhar para as expressões já cristalizadas na linguagem que apontam o ato de cuspir como um ato de agressão a outro ou a si mesmo.

*Não se cospe em prato que se comeu*

*Ele está cuspidando fogo*

*Cuspiu para cima*

Por fim, pode-se observar CUSPE É ATAQUE como mecanismo que fundamenta o pensamento e as ações quando uma pessoa cospe em outra como forma de mostrar hostilidade em uma luta<sup>6</sup> ou em uma discussão como se viu no *reality show* A Fazenda, em que os participantes Andressa Urach e Mateus Verdelho, durante um desentendimento,

<sup>6</sup> O lutador Caio Magalhães cuspiu em Josh Shamman, após uma luta de MMA <http://espn.uol.com.br/post/526680-brasileiro-da-mau-exemplo-e-cospe-sangue-em-rival-apos-ser-derrotado-no-ufc> acesso em 15/06/2016

iniciaram uma “guerra de cuspes” em um episódio do programa<sup>7</sup>.

Com o evidenciado acima, entende-se, então, que o mapeamento CUSPE É ATAQUE corresponde a uma metáfora conceitual na qual se fundamentam a percepção e ação dos indivíduos seja na interação física ou online.

Prosseguindo a análise do corpus, é possível observar um deslocamento do sentido de “cuspe”, não mais visto como ataque, mas sim como defesa. Como nos exemplos:

Figura 6

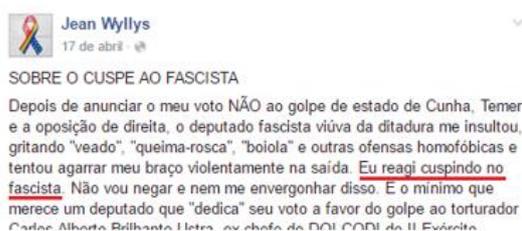


Figura 7

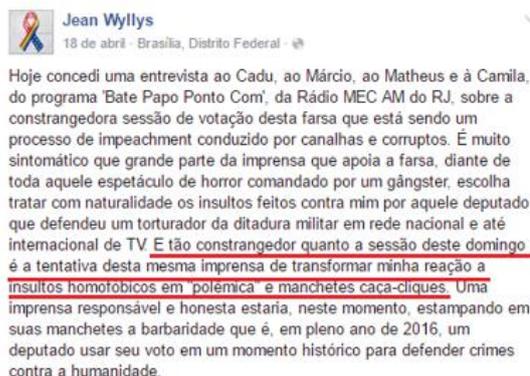
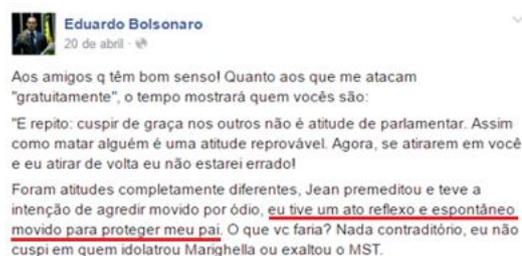


Figura 8



Figura 9



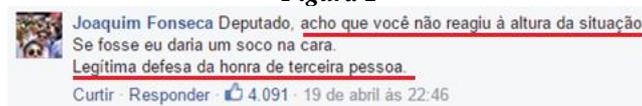
Pelos exemplos apresentados, é possível verificar a metáfora conceitual CUSPE É DEFESA, em que o cuspe é entendido como uma defesa a um ataque anterior. Nas Figuras

<sup>7</sup> A discussão ganhou destaque também em outros programas da emissora <http://noticias.r7.com/legendarios/fotos/guerra-de-cuspe-veja-em-detalhes-a-pior-briga-que-rolou-na-fazenda-20130828.html> acesso em 15/06/2016

6 e 7, se vê a metáfora conceitual CUSPE É DEFESA expressa quando o deputado se refere ao cuspe direcionado a Jair Bolsonaro, como um ato de defesa aos ataques verbais deste ao primeiro. O mesmo mapeamento é encontrado quando Eduardo Bolsonaro justificar o cuspe em Wyllys que se seguiu, como se observa nas Figuras 8 e 9.

Tal qual CUSPE É ATAQUE, CUSPE É DEFESA também é identificado nos comentários dos posts dos parlamentares do PSOL e do PSC. Na figura 10 o cuspe de Eduardo Bolsonaro é caracterizado como reação ao ataque de Jeans Wyllys. Já na figura 11, o cuspe é visto como um ato de defesa contra várias declarações considerado um político de extrema direita.

*Figura 2*



*Figura 3*



Acredita-se que esse deslocamento de sentido ocorre devido ao papel simbólico da metáfora fazendo emergir novos signos que podem ou não se fixar permanentemente. Como exibido por Reis (2006), as metáforas maduras têm seu significado cristalizado e fixo e metáforas criativas “são hipoícones cujos significados, eventualmente vagos e mal estabelecidos, fazem “paralelos esclarecedores”, contribuindo para o crescimento semiótico. Sugere-se, então, que as metáforas conceituais podem ser divididas dessa mesma forma, isto é, maduras e criativas. Dessa maneira, CUSPE É ATAQUE seria uma metáfora conceitual madura, já estabelecida e com certa regularidade de uso e CUSPE É DEFESA seria uma metáfora conceitual criativa: nova, que pode ou não ter seu sentido mantido tornando-se assim uma metáfora madura, sendo criada na interação social de modo a justificar o cuspe de Jean Wyllys, como defesa aos ataques verbais sofridos e, também, por Eduardo Bolsonaro, em defesa de seu pai, agredido pelo primeiro cuspe.

É necessário ressaltar que enquanto nas páginas de Jair e Eduardo Bolsonaro os comentários são alinhados em termos de significados com os posts dos deputados, isto é, cuspe é visto como um ataque quando quem cospe eh Jean Wyllys e é defesa quando quem cospe é Eduardo Bolsonaro. Por outro lado, nos comentários das postagens de Jean Wyllys, encontra-se também as mesmas metáforas, porem nem sempre seu sentido alinha-se com o post do deputado. Assim o cuspe de Wyllys ora é ataque (Figura 5), ora é defesa (Figura

11), apesar de CUSPE É DEFESA prevalecer. E não se encontram menções ao cuspe de Eduardo Bolsonaro, no recorte feito.

#### **4. Considerações**

Procurou-se mostrar aqui, o funcionamento das metáforas na construção de novos significados na interação social, não apenas como forma de expressão, porém considerando seu papel fundamental na forma como se percebe e conceitua o mundo. Acredita-se, a partir do exposto que a metáfora conceitual CUSPE É ATAQUE contribui na forma como significamos o ato de cuspir, tanto na interação online, quanto no cotidiano. Também é possível supor que o mesmo ato foi ressignificado de modo a justificar as ações dos deputados, criando assim o mapeamento CUSPE É DEFESA.

Tais suposições encontram respaldo nos princípios interacionistas em que os sujeitos agem de acordo com os significados atribuídos às coisas e estes podem ser modificados e alterados na interação social. Desse modo, reforça-se a ideia de ciberespaço como um espaço não somente de circulação de sentidos, mas, também, de produção destes devido seu potencial interativo, o que constitui “uma Terra semiótica sem império possível, aberta a todos os ventos do sentido, geografia movediça, próxima dos paradoxos, que envolve e doravante governa os territórios neolíticos” (LEVY, 1998).

Por fim entende-se que conceitos de ícone, hipoícone e metáfora presentes na semiótica peirceana em conjunto com a teoria das metáforas conceituais, contribuem para o entendimento do processo de significação nas redes sociais, sugerindo a produção criativa metáforas conceituais na interação online. O exemplo de análise de redes sociais utilizando estes conceitos, apresentado na última seção, demonstra como as metáforas ajudam a formatar a forma como percebe-se o mundo e o cotidiano, assim considerações a respeito dos diferentes significados que algo pode ter, a partir do estudo das metáforas, pode fornecer dados relevantes para o entendimento do debate político e ideológico em uma comunidade. A relevância destes conceitos enquanto ferramentas de análise também sugere que os mesmos possam ser empregados no estabelecimento de estratégias adequadas para a criação de sistemas de informação e participação políticas mais eficientes, mas este é um tópico para pesquisas futuras.

## Bibliografia

ANDERSON, Douglas, “Peirce on Metaphor”, **Transactions of the C. S. Peirce society**, Vol. XX, no. 4, 453-468, Indiana: Indiana University Press, 1984.

BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. U University of California Press. 1986

\_\_\_\_\_. A natureza do Interacionismo Simbólico. In: MORTENSEN, D. **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo, Mosaico, 1980.

BUENO, Thaisa Cristina. **Para que servem os comentários de leitores na internet?:** Estudo sobre a utilidade da ferramenta nos sites de notícias a partir da estrutura do dispositivo e do modo de apropriação do internauta e do veículo. 2015. Tese de Doutorado. Porto Alegre, RS: PUC RS

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, SP: Paz e Terra, volume I, 4ª edição, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

CUNNINGHAM, Donald. “Cognition as Semiosis: The Role of Inference”, *Theory Psychology* 8: 827-840, SAGE Online. <http://tap.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/6/827>

FARIAS, Priscila L. **Imagens, diagramas e metáforas: uma contribuição da semiótica para o design da informação**. 2002. Tese de Doutorado. São Paulo, SP: PUC SP.

JAPPY, Tony. “Iconicity, Hipoiconicity”, 2001. In **Digital encyclopedia of Charles S. Peirce**, ed. João Queiroz, São Paulo: Unicamp. <http://www.digitalpeirce.fee.unicamp.br/jappy/p-hypjap.htm>.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana** [coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura** Ed. 34, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ciberdemocracia**, Instituto Piaget, Lisboa, 2003.

\_\_\_\_\_. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Ed. 34, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 9, 1998.

LIMA, Paula Lenz Costa; JÚNIOR, Raymond W. Gibbs; FRANÇOZO, Edson. Emergência e natureza da metáfora primária DESEJAR É TER FOME. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 40, 2011.

MARTINS, Erik Miletta. Da linguística cognitiva à ciência social: 30 anos após “metáforas da vida cotidiana”, Michiel Leezenberg. **Revista Investigações**, v. 28, n. 2, 2015.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place: The eletronic media on social behavior**. London, Oxford University, 1985

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. Editora Iluminuras Ltda, 2001.

SØRENSEN, Bent; THELLEFSEN, Torkild; MOTH, Morten. Metaphor and cognition from a Peircean perspective. **Transactions of the Charles S. Peirce Society: A Quarterly Journal in American Philosophy**, v. 43, n. 3, p. 562-574, 2007.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009

REIS, Abel. Aproximações ao conceito de metáfora em CS Peirce. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 4, n. 2, 2006. <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>

ROMANINI, Vinicius. Tudo azul no universo das redes. **Revista USP**, n. 92, p. 58-73, 2012. <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34884/37620>

\_\_\_\_\_. **Semiótica Minuta** –Site. São Paulo. ECA-USP. 2009 <http://www.minutesemeiotic.org/>  
acesso em 15/06/2016